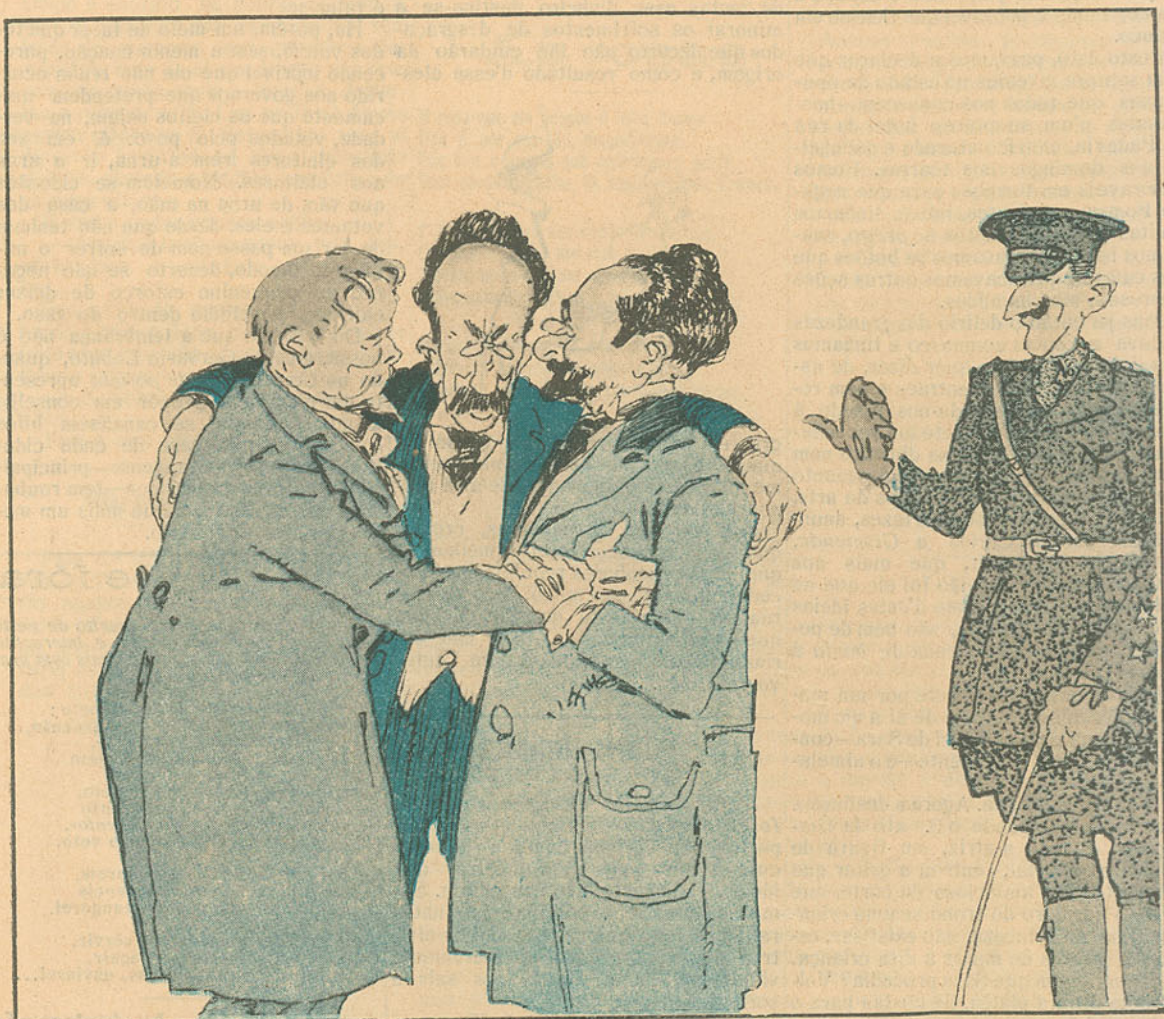


Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

MILAGRE



**E' tão grande o seu prestígio
Que nos tres da vid'airada,
Côcô, Reineta e Facada,
Ele obrou este prodígio!**



PALESTRA AMENA

Recordando

De vez em quando os jornaes referem-se á boa velhota da Sara Bernhardt, nem sempre narrando triunfos cenicos, que na respeitavel idade d'aquela madama são realmente difíceis de obter. D'esta vez é um telegrama de Londres que nos diz que a celebre artista franceza sofreu, em Nova York, o vexame de um certo joalheiro se apoderar de varios objectos caseiros que á artista pertenciam, para se cobrar d'uma divida pela compra d'um relógio.

Ao sinatario d'esta não é indiferente o que se passa com Sara Bernhardt, porque a ela o ligam duas recordações: uma agradabilissima e outra muito desagradavel, as quaes passa a contar porque se dedicasse á «Palestra» aqui-lo que lhe parece palpitante o espaço a ela destinado é provavel que ficasse em branco.

Posto isto, passamos a declarar que nem sempre vivemos no estado de opulencias que todos nos conhecem—hospedados n'um sumptuoso hotel da rua da Padaria, clêtrico aturado e galinheiro aos domingos nos teatros. Fomos miseraveis em tempos: para que negal-o? Fomos estudantes, isto é, tinhamos muitas vezes os trastes no *prégo*, ceavamos iscas, pregavamos os botões que nos caíam e praticavamos outras ações honrosas, mas humildes.

Mas já então o delirio das grandezas andava a contas conosco e tinhamos a paixão do teatro, quer dizer, de assistir ás boas obras teatraes e bem representadas, arrependendo-nos quando, á vista d'um cartaz prometedór, reconheciamos que não tinhamos dinheiro nem para mandar cantar um cego quanto mais para entrar nos templos da arte.

Ora, foi um d'esses cartazes, annunciando em S. Carlos a *Gismonde*, por Sara Bernhardt, que mais nos fez arrepiar e repelloi foi ele que no cerebro nos brotou uma d'estas ideias que, além de genieas, são bem de pelintra: pedir uma entrada de *borla* á grande tragical

Dito e feito. Um bilhete por um moço ao Avenida Palace e de aí a um momento uma carta amavel de Sara—conservamo-la religiosamente—e o almejado bilhete.

Esta foi a alegria. Agora a desilusão. Corria sem novidade o 3.º ato da *Gismonde*, quando a atriz, em figura de princeza oriental, entrou a gritar que ali perto um ambicioso da cõrte, que seria o herdeiro do trono se uma criança, filha da princeza, não existisse, estava a pontos de matar a dita criança. E como julgam que Sara procedia? Voltava-se para a platèa, de costas para o lugar onde se supunha que o filho estava em perigo, *recitando* para os espetadores, sem o menor tom aflitivo para que a sua voz não perdesse o timbre dulcissimo que a celebrizou:—Salvae o meu filho!

Bolas. No fundo tivemos sempre esta

cêna como prova da pouca consideração que ela nos ligava e não por falta de talento e saber. Comtudo, fique sabendo que se não a pateámos foi pela respeito devido á sua generosidade.

J. Neutral.

Politiquice em tudo!

Mais uma coisa em que a politiquice não se conteve que não metesse o porquissimo nariz: na festa da flôr. Como muitas das senhoras que vendiam flôres eram talassas, houve republicanos que lhes voltaram as costas com indignação quando elas se lhe dirigiram.

Depois, vá de se celebrar a exiguidade da quantia obtida,—trinta contos é um pau por um olho!—com uma alegria um nadinha feroz, porque afinal de contas esse dinheiro destinava-se a minorar os sofrimentos de desgraçados que decerto não lhe cuidarão da origem, e como resultado d'essa ales-



gia, em natural reacção, a censura a quem repeliu as damas—particularmente a certa personagem de alta responsabilidade.

Pois em vez de censuras, creiam que havia vingança muito melhor, a qual era os senhores republicanos procederem do mesmo mo'lo, isto é, effectuarem outra festa da flôr. Veriam que os monarquicos... lhes não dariam tambem nem a ponta dum centavo retorcido.

Livros, Livrinhos e Livrecos

Relatorio do Congresso hoteleiro de 1917—Obsequieia-nos a Repartição de Turismo com um relatorio cuja leitura nos vem mostrar que ideias, felizmente, não nos faltam. Somos inamovíveis, por um triste natural, mas logo que se realizem os alvires dos congressistas passaremos a viajar—se d'aqui até lá nos sair a sorte grande, é claro.

Um problema social (O exercicio da medicina), por Chaves de Aguiar.—E' uma formidavel sova nos srs. medicos, com dezenas de citações nem por isso muito agradaveis para os ditos. Recomendamos a adoção do livro no curso respétivo.

Eleições

Digam o que disserem os ótimistas, não ha maneira de ocultar que o numero de eleitores que concorreram ás urnas foi pequenissimo. Pela abstenção democrató--evoluçio-unionistica? Não; aconteceu assim, porque sempre acontece assim, porque ninguem está para se incomodar e no fundo o portuguez tanto se lhe dá ser governado por Fulano como por Cicrano; embora se fin-



ja muito interessado: o que não quer é ralar-se.

Ha, porém, um meio de fazer que todos votem, sem a menor coação, parecendo incrível que ele não tenha ocorrido aos governos que pretendem unicamente que os eleitos sejam, na verdade, votados pelo povo: é, em vez dos eleitores irem á urna, ir a urna aos eleitores. Nomeiem-se cidadãos que vão, de urna na mão, a casa dos votantes e eles, desde que não tenham de dar um passo nem de sofrer o minimo incomodo, decerto se não negarão ao pequenino esforço de deixar cair um papelinho dentro do vaso.

Dir-nos-hão que a lembrança não é nossa, mas de Gervasio Lobato, quando no *Comissario de policia* apresenta um maduro a propór em conselho de ministros que se canalisem bifes com batatas para casa de cada cidadão. Será, mas tanta gente—principalmente autores dramaticos—tem roubado o pobre Gervasio, que mais um menos um não faz ao caso.

De fóra

E' tão raro recebermos escrito de jeito que, apesar da exagerada e merecida amabilidade do autor, publicamos com prazer os versos que seguem:

Belmiro amigo e mestre do soneto:
Gastae com estas linhas um momento,
E já que sois poeta de talento,
Perdão para o peccado que cometo.

Essa quadra singela que remeto,
Se virdes que merece cabimento
No velho e gracioso «Suplemento»,
Olhae por ela sem lhe opór o veto.

Se por ser infeliz a não quereis,
Deitae-a para o cesto dos papeis
E podeis crer que não me zangarei.

Se lhe derdes guarida por servir,
De sete em sete dias, a seguir,
Mais outras, muitas outras, enviarei...

Aqui p'ra nós

*Do marfim que tens na boca,
Se de cada vez que mentes
Caisse um pedaço, ai louca,
Ha muito não tinhas dentes...*

Eneas.



O Sebas

EM FOCO

Correspondencia

Não sabem quem é o Sebas? Também nós o não sabíamos, antes de lêr as listas das pessoas que se pr...

E, a proposito, aí vai uma historia.

Certo padre, prégador de fama, decorava os sermões d'um livro que lá tinha em casa, mas não se fiando na memoria não ia nunca para o pulpito...

Um dia foi convidado a ir prégao o sermão das festas dos santos martires e aí sobe ele á sagrada tribuna. Disse o exordio na ponta da lingua, entrou pela vida dos canonizados sem falha de memoria nos primeiros dez minutos...

E vae o padre recitou assim: «Amados irmãos: agora vou des crever-lhes o martirio de S. Sebas...»

Era o fim da pagina. Depois, voltando-a com o dedo, lêu as silabas que faltavam, mas não se atrapalhou e continuou intrepidamente:

«de S. Sebas e do seu companheiro Tião...»

Tem a sua piada.

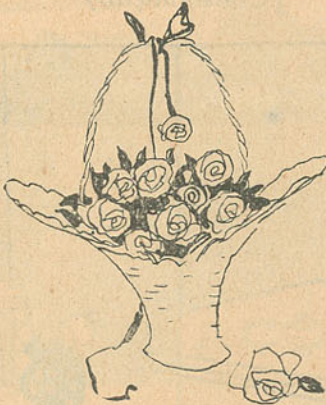
“Republica” — “S. Luiz”

Pela 3.ª vez foi batizado o teatro da rua do Tesouro Velho, que de D. Amelia passou a Republica, com grande raiva d'alguns monarchicos, e agora de Republica a S. Luiz, com intensa furia de alguns republicanos.



sem procurar explicação na politica, mos o que nos admira é que ainda haja quem se preocupe com os nomes que cada um põe á propria casa, como se tivesse que dar satisfação aos outros.

Imagine-se onde levaria o critério



As rosas

A rosa que ela prende á loira frança Não é, por sua côr, magnificente, Não tem o aroma que embriaga a gente, Nem nome estranho, de Inglaterra ou França.

É branca, como um sonho de creança, É simples, como um riso de inocente, É o seu aroma quasi se não sente, Suave exalação turtiva e mansa.

É rosa de toucar, do seu canfeiro Entre mil variedades majestosas Decerto a mais humilde e a mais singela;

Mas para mim, cativo jardineiro, Que valor podem ter as outras rosas Se roçaram por esta os labios d'ela?

BELMIRO.

de uma pessoa chamar ao que é muito seu só aquilo que agradasse ao parceiro! Tal cavalheiro que poz a um chalet o nome de pessoa querida, por exemplo, sofreria as desconsiderações de seu vizinho para quem aquele nome recordaria uma pessoa detestada; e etc.

A verdade, porém, é que o facto tem dado ensejo a discussões azedas... e que elas se teriam evitado se, como mandava o mais elementar bom senso, os empresarios teem consultado a pessoa de mais competencia que temos em assuntos de teatro, a qual pessoa é o nosso Jerolmo, do Pauliteama de Peras Ruivas. Se não, vejam como ele foi ajuizado no batismo da sua casa de espéculos: seguiu o belo exemplo do colega das Portas de Santo Antão, que poz ao seu o nome de Politeama, palavra cuja significação só o sr. Epifanio conhece: assim, conciliou republicanos e monarchicos, julgando aquelles que a palavra é lisonjeira para a democracia e estes para a aristocracia e calando-se muito bem calados para não serem tidos por ingorantes.

Arnesto de Jazus (Coimbra). — Tem razão: O ensaiador estendeu-se e não admira que o Jerolmo não dêsse por isso, porque de danças apenas conhece o fandango.

Lima C. — Sabe o que é? É uma grandissima besta. Vá puxar á nora, que é melhor.

S. (Funchal). — Lá irão para a Torre de chifre, quando tivermos espaço disponível.

Malquerida. — Está a menina muito enganada se julga que esta folha é para poucas vergonhas. Marde as cartas d'irretamente ao homem — e tenha vergonha n'essa cara.

Uma idéa da Maria do O'

O nosso particular amigo Alfredo dos Anzoes resolveu, prevenindo o futuro, comprar alguns generos por junto, fazer grandes depositos em casa, de onde pouco a pouco se fariam os gastos. É certo que se lhe foram as economias de longos anos de trabalho, mas ao menos tinha garantida a sua existência e a dos seus por alguns mezes.

Os mais importantes depositos foram de carvão e de pão.

—Que d'sparate! pensará o leitor. Então o homem conservou em casa o pão uns poucos de mezes?

Disparate diz o leitor. Então que di



ferença, quanto a dureza, faz atualmente o pão que tenha só um dia do que do que tenha trinta?

Posto isto, saiba-se que Alfredo dos Anzoes tem por criada a menina Maria do O', pessoa d'uma inteligencia superior, a qual criada se indispuha por que o carvão ardia mal, ao mesmo tempo que os patrões se queixavam á mesa de que não eram capazes de trincar o pão.

E então teve Maria do O' uma idéia, que a ninguém comunicou: foi ao deposito do pão e começou a empregalo no fogão, como se fosse coke; foi á carvoeira e começou a servir pedaços de carvão á refeição dos patrões. O resultado d'esta mediáa foi excelente; o pão ardia como o coke de melhor qualidade e os patrões ao almoço e ao jantar rilhavam o carvão pacientemente, sem darem pela troca.

Se isto fosse um paiz de juizo a Maria do O' era nomeada diretora geral do Ministerio das Subsistencias.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

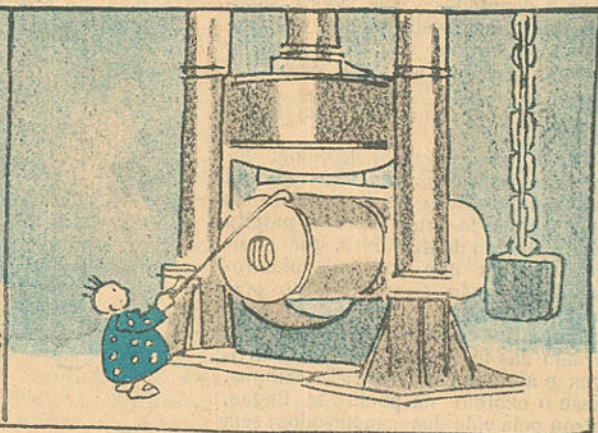
20.^a Parte1.^o Episodio

MANECAS INVENTOR

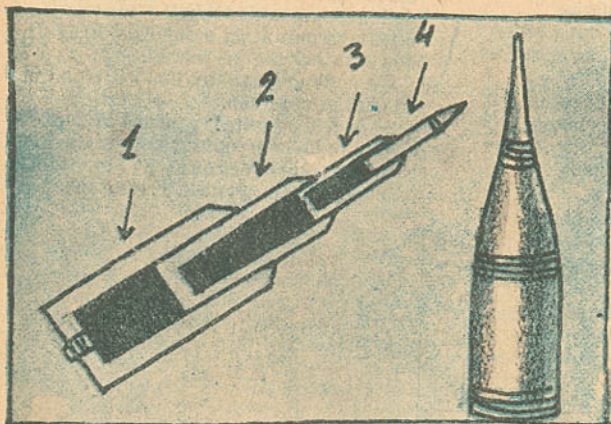
(Continuação)



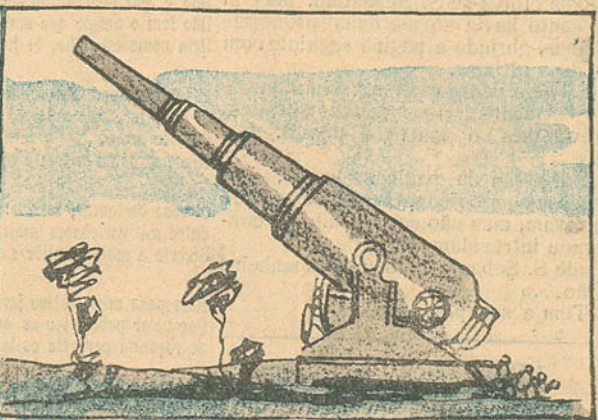
1.—Pachorrento, certo dia
O Manecas, n'um relance.
Inventou com alegria
Um canhão de grande alcance.



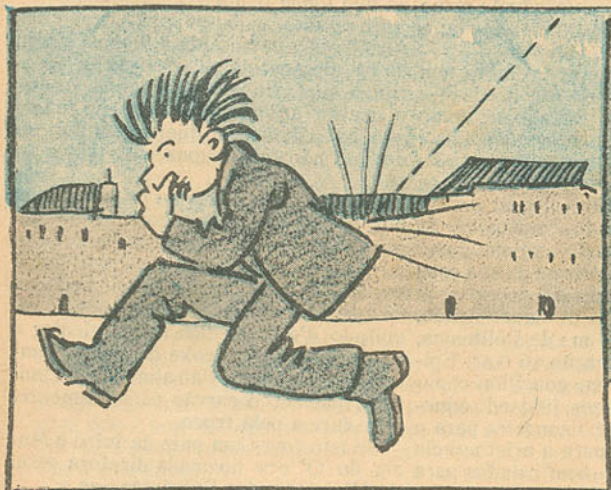
2.—Ele próprio, satisfeito,
Assistiu á construção
Por que ficasse perfeito
O referido canhão.



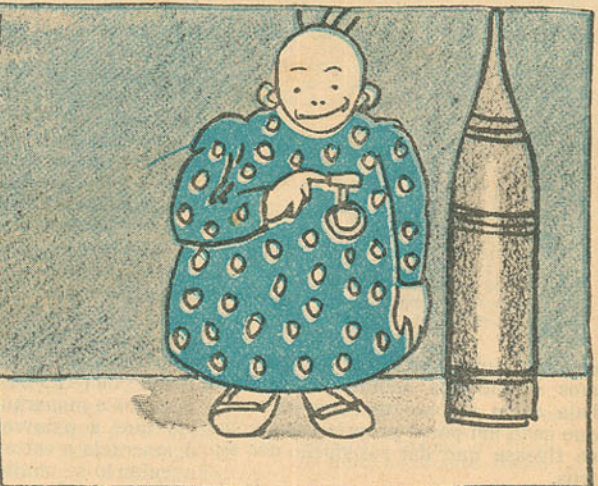
3.—O balasio era formado
Por quatro grandes canudos
Sendo o quarto carregado
De piolhos, dos miudos.



4.—Vae-se o tiro disparar,
Tudo está pronto. Por fim
Segue a bala pelo ar
Em direção a Berlim.



5.—E com piolhos a rodos
No sujo corpo antipatico
Morreram os bochs todos
Com o tifo exantematico!



6.—Em vista do resultado
O nosso lindo pimpolho
Foi agora agraciado
Com a ordem do Piolho.

(Continua).